

## CINEMA, CIDADE E CONTEMPORANEIDADE

**BOSZCZOVSKI, Otávio Oliveira<sup>1</sup>; ROCHA, Eduardo<sup>2</sup>; DETONI, Luana Pavan<sup>3</sup>; BITTENCOURT, Lucas Boeira<sup>4</sup>; KUHLOFF, Ivan Ribeiro<sup>5</sup>; SANTOS, Glauco Roberto Munsberg<sup>6</sup>; BARROS, Carolina Mendonça Fernandes de<sup>7</sup>.**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; <sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. <sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. <sup>6</sup>Universidade Federal de Pelotas/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. <sup>7</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense/Campus Pelotas. otavio.bos@gmail.com.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa busca aproximar duas temáticas da contemporaneidade: o cinema e a cidade. A partir de dois questionamentos: Como o cinema representa a cidade na contemporaneidade? E quais estratégias/conceitos o cinema contemporâneo pode ensinar para o arquiteto e urbanista sentir/experimentar a cidade?

Durante os anos de 2011 e 2012, foram realizadas projeções de filmes, encontros teóricos com pesquisadores da área do cinema, captura de imagens, edição de imagens audiovisuais. Em oficinas e disciplinas realizadas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, promovidas pelo Grupo de Estudos Cidade+Contemporaneidade (<http://www.wix.com/contemporaneidade/faurb>) do Laboratório de Urbanismo.

Pensar o contemporâneo é, antes de tudo, colocar-se numa situação de quebra, fratura, desligamento. Contemporâneo é um estado de espírito, uma condição: de forma alguma pode ser tido como um dado temporal. Giorgio Agamben (2009) traz a tona conceitos a partir dos quais vamos desenvolver do que e de quem somos contemporâneos.

O cinema na contemporaneidade pode ser vista como uma cidade cristal, com uma face visível, transparente, atual e exterior, que desempenha funções objetivas, organiza-se por agenciamentos molares<sup>1</sup> e se desenvolve na extensão, em movimentos no espaço; como também uma face invisível, opaca, virtual e interior, que cumpre uma função subjetiva ou afetiva, configura-se por agenciamentos moleculares e se desenvolve na duração, em movimentos no tempo (OLIVIERI, 2011).

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

O trabalho vem sendo realizado a partir de três movimentos: pesquisa bibliográfica sobre cinema, cidade e contemporaneidade, tendo como elemento de ligação a escolha de textos relacionados à chamada filosofia da diferença; promoção de ciclos de cinema e; produção e edição de peças audiovisuais experimentais.

---

<sup>1</sup> Molar e molecular são dois estratos diferentes, respectivamente macro e microbiológico, presentes, ao mesmo tempo, em todas as sociedades, todos os indivíduos, e também todas as cidades (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

A análise do material vai acontecer durante todo o processo de pesquisa, buscando a técnica da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995), com origem na geografia e filosofia da diferença, no sentido de acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção e conexão de redes ou rizomas (ESCÓSSIA, 2009), podendo aproximar a um método de pesquisa intervenção.

Ao final da pesquisa serão produzidos mapas textuais, imagéticos e fílmicos na busca pela aproximação das discussões realizadas, dos vídeos produzidos aos conceitos da filosofia da diferença.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em novembro de 2011 foi realizado o I Ciclo de Cinema cidade e contemporaneidade: sudamericanos (Fig.1). Foram assistidos ao todo três filmes e realizado um debate com a presença do professor, pesquisador e documentarista Marcelo Gobatto. Os filmes escolhidos para essa primeira mostra foram: *El hombre de al lado* (2009 – Argentina), *O caminho das nuvens* (2003, Brasil) e *El baño del Papa* (2007, Uruguai). O público presente, cerca de 20 pessoas por seção, mostrou-se motivado a realizar aproximações dos filmes com a temática da cidade, tanto no que diz respeito as questões técnicas (cortes, sequencias, planos, roteiro, etc.) como em temas relacionados a história e contexto cultural do filme.



Figura 1 - Cartaz do I Ciclo de Cinema. Autor: Edu Rocha, Ivan e Luana, 2011.

Após as discussões e inquietações propiciadas pelo I Ciclo de Cinema, o grupo recebeu a professora Laura Novo de Azevedo (<http://www.urbandesignexperience.com/>), da *Oxford Brookes*, que propôs uma atividade de captura e edição de imagens audiovisuais da cidade, chamada de Encontro de Desenho Urbano: viva o território – pensar o centro da cidade de Pelotas (Fig.2), com a finalidade de descobrir princípios de desenho urbano no centro da cidade de Pelotas a fim de apontar possíveis soluções. Durante as oficinas, no mês de março e abril de 2012, foram editados seis vídeos curtos (máximo 5 minutos), tratando de diversas temáticas relacionadas à cidade na contemporaneidade: mobilidade urbana, marquises, passeios públicos, catástrofes, etc. (disponíveis em: <http://laburb.blogspot.com.br/>).



Figura 2 - Cartaz I Encontro de Desenho Urbano. Autor: Edu Rocha, 2012.

Pode-se a partir das experiências com o cinema e a edição de vídeos, pensar com Giorgio Agamben, até esse momento da pesquisa, alguns desdobramentos teórico críticos com os conceitos de: intempestivo, escuridão e arcaico.

Nossa primeira ideia é a de que a contemporaneidade é uma condição intempestiva. Segundo Agamben (2009), a partir de Nietzsche. A contemporaneidade esta dada numa relação de desconexão e dissociação com o tempo presente. Somente aqueles que estão afastados do seu tempo (mas não de forma nostálgica), apreendem sua própria especificidade. Dessa forma, diz-nos Agamben, “a contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias”.

Este caráter intempestivo observado por Nietzsche, esse movimento de desconexão e dissociação é também representado por outra imagem, proposta pelo poeta Osip Mandel’stam: o tempo presente é uma vértebra quebrada, e ser contemporâneo é exatamente estar localizado nesta vértebra.

Partindo para uma segunda definição do que é contemporâneo (melhor se dissermos uma segunda camada da mesma definição), Agamben sugere uma relação com o escuro: “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. Portanto, conseguir ver nessa obscuridade é a condição de ser contemporâneo ao seu próprio tempo.

É assim que Agamben nos sugere, de forma intimidadora, que ser contemporâneo é, sobretudo, uma atitude de coragem, nada mais que “ser pontal num compromisso ao qual se pode apenas faltar”. Faltar ao tal compromisso é justamente a atitude natural de uma vida *cotidianizada*, tendo em vista que tal compromisso (o tempo presente) é algo inevitavelmente inapreensível. O caráter fugidio do contemporâneo pode ser ilustrado com uma rápida reflexão sobre a moda: esta é, de toda forma, alguma categoria vazia de tempo e espaço. A moda é algo que ao ser elaborado já passou, “o “agora” da moda, o instante em que esta vem a ser, não é identificável através de nenhum cronómetro”. Dizer-se “estar na moda”,

portanto, é em si um contrassenso, tendo em vista que a moda não é algo estático e dado, encontra-se em contínua mutação, assim como o tempo.

Estando o tempo, como vimos com a moda, dado numa relação de contiguidade (e, por isso mesmo, fugidio, inapreensível), estabelece-se uma relação fundamental entre o tempo presente e passado: esta relação se dá através do arcaico. Aqui se estabelece o terceiro nível da definição do contemporâneo proposto no texto, e se dá no sentido de que ser contemporâneo é perceber essa relação do tempo presente e o passado, estabelecido como origem, já que essa origem “em nenhum ponto pulsa com mais força do que no tempo presente”.

#### 4 CONCLUSÃO

No momento estamos preparando o II Ciclo de Cinema, eu irá ocorrer durante o 2º. Semestre de 2012, concomitante com a disciplina Cidade e Comunicação Audiovisual, oferecida como disciplina optativa ao currículo do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. A disciplina pretende produzir audiovisuais sob a ótica da contemporaneidade e assim comprovar algumas das conjecturas levantadas durante o processo de pesquisa.

Pode-se afirmar até o momento a emergência do interesse tanto dos estudantes como dos profissionais envolvidos com a cidade na contemporaneidade com as técnicas cinematográficas, bem como o uso de filmes como dispositivo e potencializador das discussões pertinentes ao campo profissional do arquiteto e urbanista.

#### 5 REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó: Editora Argos, 2009.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V.3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virginia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

OLIVIERI, Silvana. **Quando o cinema vira urbanismo: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade**. Salvador/Florianópolis: EDUFBA, 2011.